

**ANALISE SEMÂNTICA DE UMA DOENÇA NÃO NOMEADA CHAMADA
VELHICE: ABORDAGEM ENUNCIATIVA**

**SEMANTIC ANALYSIS ON A UNKNOWN DISEASE CALLED AGING:
ENUNCIATIVE APPROACH**

Silvana Silva¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: O tema da doença produziu muitos personagens e histórias na literatura do século XX. Para além de uma avaliação da história da literatura, acreditamos ser pertinente compreender os mecanismos enunciativos de nomeação ou de negação de nomeação que engendram ou escondem doenças e possíveis motivações linguísticas e discursivas que subjazem a esses processos linguísticos. Elegemos como ponto de partida uma pequena análise do termo *diabete*, tal como elaborada pelo linguista Émile Benveniste (1947). Em seguida, analisamos textos correlatos a problemática, a saber, “A forma e o sentido na linguagem” (1990) e “A blasfêmia e a eufemia” (1990). Este último texto também trata de uma denominação e ocultamento de nome. Desses estudos retiramos a operacionalização da análise de um outro vocábulo, implícito em uma crônica de Eliane Brum, publicada no livro *A vida que ninguém vê* (2006), a saber, velhice. Demonstramos por fim que os diversos “modos de ser língua” são marcados no agenciamento de sentidos e no lugar que a doença ocupa no discurso ficcional para o sujeito.

Palavras-chave: análise semântica; Émile Benveniste; doença

Abstract: The theme of the disease has produced many characters and stories in 20th century literature. In addition to an evaluation of the history of literature, we believe it is pertinent to understand the enunciative mechanisms of naming or denying naming that engender or hide diseases and possible linguistic and discursive motivations that underlie these linguistic processes. We chose as a starting point a small analysis of the term diabetes, as elaborated by the linguist Émile Benveniste (1947). Then, we analyzed texts related to the problem, namely, "The form and the meaning in language" (1990) and "The blasphemy and the euphemia" (1990). This last text also deals with a name and name hiding. From these studies, we removed the operationalization of the analysis of another word, implicit in a chronicle by Eliane Brum, published in the book *A vida que ninguém vê* (2006). Finally, we demonstrate different ‘ways of language’ are marked in the agency of meanings in the place that disease occupies in fictional discourse for the subject.

Keywords: semantic analysis; Émile Benveniste; disease.

¹ Professora adjunta da área de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, na Linha de Pesquisa Análises Textuais, Enunciativas e Discursivas. Atua em Disciplinas de Produção Textual para diversos cursos. Editora da Revista Cadernos do Instituto de Letras-UFRGS. Doutora em Estudos da Linguagem (2013). É coautora da obra *Enunciação e Gramática* (2008), colaboradora do *Dicionário de Linguística da Enunciação* (2009) e organizadora da coletânea *Atualidade dos Estudos Enunciativos* (2016). Pesquisa os seguintes temas: Teoria da Enunciação de Émile Benveniste; epistemologia da linguística; educação linguística; enunciação e sociedade; produção de textos. E-mail: ssilvana2011@gmail.com.

Submetido em 28 de novembro de 2020.

Aprovado em 18 de janeiro de 2021.

Introdução

O tema da doença produziu muitos personagens e histórias na literatura do século XX. Talvez Samuel Beckett (1906-1989) e sua trilogia do pós-guerra (*Molloy*, *Mallone morre e O inominável*) tenha sido um marco nesse sentido: poucas vezes tínhamos visto no século XIX a presença de personagens ou mesmo protagonistas que explicitamente viviam uma condição debilitante de vida. A figura do herói ou mesmo do anti-herói não combinava com personagens mais voltados para seu próprio corpo do que para enfrentar o mundo e os outros. Para além de uma avaliação da história da literatura, acreditamos ser pertinente compreender os mecanismos enunciativos de nomeação ou de negação de nomeação que engendram ou escondem doenças e possíveis motivações linguísticas e discursivas que subjazem a esses processos linguísticos.

Acreditamos que nosso estudo possa contribuir não só para os estudiosos das ciências humanas interessados no campo da saúde, mas a qualquer semanticista interessado em descortinar processos discursivos aí onde existe uma condição paradoxal e intrigante: ao lado da profusão denominativa e terminológica de termos de doenças existe, ao mesmo tempo, ocultação de processos linguísticos e mesmo negação de outros processos que ‘tocam’ diretamente a dignidade do corpo humano.

Elegemos como ponto de partida uma pequena análise do termo *diabete*, tal como elaborada pelo linguista Émile Benveniste (1947). Esse breve texto de Benveniste – não mais do que duas (2) páginas – é um dos poucos que tematiza diretamente um termo da área da saúde. Como se sabe, os dois tomos do monumental *O vocabulário das Instituições Indo-Européias* é organizado em torno das instituições clássicas (família, economia, sociedade, poder, direito e religião). Além desse texto, mobilizaremos o artigo “Blasfemia e eufemia”, em função do duplo processo de afirmação e negação de um fato enunciativo ali contido e explicado.

Diversos autores, como Eduardo Guimarães (2003; 2014), estudam a questão da designação, no que chamam de Semântica da Enunciação. No entanto, articulam-na somente a um campo ‘positivo’ ou ‘materialista’ do discurso e não a um *campo*

*dialético*² ou mesmo negativo (negacionista?) da construção discursiva, que, a nosso ver, somente Émile Benveniste soube elaborar. Em Guimarães (2014), por exemplo, é clara a articulação analítica entre *designação, espaço enunciativo, recorte enunciativo de corpus, falante* para compreender o *acontecimento enunciativo*, esse grande conceito operador pechêutiano.

Nas próximas páginas, apresentaremos a análise do “nome do diabete”, apresentada por Benveniste, procurando demonstrar como o linguista articula uma perspectiva positiva e negativa na construção do significado, bem como demonstraremos como esse *modus operandi* também se faz presente em outro texto, mais recente do autor, *A Blasfemia e a eufemia* (1966), aplicado dessa vez não tanto a um fato de vocabulário, mas a um fato de enunciação³.

A fim de ratificar a hipótese de que o discurso da doença – na literatura⁴ – surgiu *com força* em meados do século XX e só vem se consolidando no século XXI, escolhemos uma obra premiada da jornalista e escritora Eliane Brum, a saber, *A vida que ninguém vê* (2006), para nossa análise. Elegemos a crônica “O exílio” para o presente trabalho, porém, quaisquer das crônicas presentes no livro trazem de alguma forma personagens com algum tipo de “doença” ou “exclusão” social. Das 23 crônicas do livro, destacamos as mais pungentes que são, a nosso ver, as que problematizam a visão da sociedade sobre sujeitos com alguma doença ou condição de vida incapacitante, a saber, “O sapo”, “O menino do alto”, “Eva contra as almas deformadas” e finalmente “O exílio”.

1. Teorização benvenistiana sobre um fato de vocábulo: o “oculto” na linguagem e a relação irreversível entre homem na língua e a língua no homem

nos colocamos no âmago mais profundo da linguagem: *oute légei, oute kryptei, alla semáinei*, não diz nem oculta, mas ela significa. (BENVENISTE, 1990, p. 234).

² Há um trabalho a ser feito sobre o conceito de dialética em Benveniste. Remetemos o leitor brevemente a Milner (2003).

³ Em Silva (2005), postulamos o conceito de *fato enunciativo* como conceito operador de análises textuais em detrimento da noção de dado linguístico.

⁴ Não desconhecemos a monumental *História da Loucura*, de Michel Foucault. Sua abordagem arqueológica observa que o discurso da loucura e do confinamento surge com a própria Medicina, situando-o muito antes do século XIX. Ressaltamos somente que a tematização da doença no campo *social* (por exemplo, literatura, jornalismo etc.) surge bem mais recentemente.

Flores (2012) nos ensina que adentrar no pensamento benvenistiano não é tarefa para desavisados. É necessário eleger um corpus textual de análise. Além disso, o autor nos alerta que

Benveniste não parece ter intencionado escrever uma *Teoria da Enunciação*. (...) Com isso, quero dizer que é possível – e mesmo recomendável – trabalhar com “momentos” da teoria, uma vez que há conceitos desenvolvidos em alguns textos que não são retomados em outros. (FLORES, 2012, p. 153).

Levando tal assertiva em consideração, desdobramos nosso corpus textual, ou melhor, o reviramos em dois “momentos”: a) um Benveniste analista de fatos específicos de língua; b) um Benveniste analista de fatos específicos de língua e preocupado em articular tais fatos a uma perspectiva mais ampla de linguagem, a que considera a sociedade, a cultura, o homem. No caso *a*, temos Benveniste pensando *o homem na língua*; no caso *b*, temos Benveniste pensando *a língua no homem*, também entendida como “a experiência do falante de sua condição de falante” conforme inversão proposta por Flores (2019, p. 32). Para este estudo, trazemos os artigos “A forma e o sentido na linguagem” (1990), por refletir sobre a diferença e a articulação entre os dois domínios da língua, a saber, o semiótico e o semântico, “*Le nom du diabète*” (2015), por realizar uma análise semântica de uma doença; e, por fim, “A blasfêmia e a eufêmia” (1990), por ampliar a análise de um fato enunciativo para além do vocabulário, sem, no entanto, dispensá-lo totalmente.

Resta ainda esclarecer a forma de “entrada” nos textos. Reunimos os três em torno de uma certa questão de *transversalidade enunciativa* (FLORES, 2012), qual seja, como se articula a produção de uma *denominação* de “doença” e de um *ocultamento* do “sujeito doente” em sua singularidade? Em outras palavras, como *a presença do homem doente na língua* pode garantir ou não garantir a compreensão da *língua doente no homem*? Assim, após a apresentação de cada texto faremos refluir – ou propor uma ‘inversibilidade’ – do texto seguinte ao anterior.

Essa impossibilidade de “inversão” do homem na língua para a língua no homem (FLORES, 2019) quando se trata do tema da doença está expressa na análise que Benveniste faz do nome diabete. No artigo de exatos seis (6) parágrafos “*Le nom du diabète*” (1947) chama-nos atenção o próprio título do texto. “Nom” em francês tem um duplo significado: (1) nome, designação; (2) sobrenome, isto é, uma palavra que se herda de antepassados mas que também por vezes se pode passar a descendentes. O nome do diabete, o diabético, carrega assim não somente uma herança cultural,

emprestada da Medicina, mas sobretudo uma “herança linguística”: herdamos sobrenomes da mesma forma que herdamos doenças.

Nos quatro primeiros parágrafos, Benveniste se interroga sobre o sentido obscuro dado por diversos dicionários ao termo diabete como “o que atravessa”, ou “a passagem incessante da urina que é abundante”, ou ainda “a passagem de líquidos através do corpo sem aí se deter” (BENVENISTE, 1947, p. 177). Afirma em seguida que o grego traz a solução para entender que diabete não tem o sentido de “urina que passa pelo corpo”, em função da existência da palavra *diabaino*, em grego, que significa o nome de agente que significa “atravessar” e mais precisamente “manter as pernas abertas”. Por associação, é claro, chega-se ao segundo sentido de diabetes, *compasso*, isto é, instrumento que tem “as pernas abertas”.

Nos dois últimos parágrafos, Benveniste faz as correlações finais de sentido. Além de compasso, diabete teve um uso técnico, *sifão*, ou seja, vaso disposto de um sifão de tal forma que se o recipiente estiver cheio até a borda, o líquido escorre todo aos pés. Conclui por fim que a *diabete-doença* advém da associação metafórica da *diabete-instrumento*. É em função do escoamento irrepreensível da urina que advém a designação do nome da doença, mas “o organismo do diabético parece reduzido à função de um “diabete” (1947, p. 176, tradução nossa, grifos nossos)⁵. Atesta por fim sua interpretação com a afirmação de um médico grego do Século II, depois de Cristo: “a diabete tira seu nome da semelhança com o gênero de sifão que denominamos um ‘diabete’”. (BENVENISTE, 1947, p. 176, tradução nossa)⁶. Realizamos a citação para enfatizar o distanciamento que o linguista toma da definição médica de diabético ao escolher modalizar sua afirmação: o sujeito “parece reduzido” a função de um diabetes. O homem diabético na língua médica é, então, claramente visto de um ponto de vista “instrumental” ou “anatômico” (sem querer incorrer em anacronismos). Metáfora redutora, *gesto enunciativo* (BADIR, 2019) de apequenamento do homem.

Podemos dizer que nesse texto a descrição encontrada por Benveniste em vários dicionários “ocultava” as relações de significação presentes entre os diversos sentidos de “diabete”. O testemunho de um médico serve como prova final de sua argumentação.

⁵ No original: “l’organisme du diabète **semble réduit** à la fonction d’ un “diabète”. (BENVENISTE, 1947, p. 176)

⁶ No original: “ le diabète tire son nom à ressemblance avec le genre de siphon qu’on a dénomme “diabète”. (BENVENISTE, 1947, p. 176).

Em “A forma e o sentido na linguagem” (1990), Benveniste deixa claro seu projeto semântico: *a linguagem não diz nem oculta, ela significa* (conforme epígrafe que destacamos da conclusão de sua reflexão. No entanto, o que significa “significar” pela linguagem? Afirmar? Designar? Ou articular e diferenciar a “afirmação” e o “ocultamento”? Benveniste nos informa que mais importante do que a tese “a língua é feita de signos”, a qual, segundo ele, é anterior a Saussure, está a tese, essa sim importante de que “a língua é um ramo da semiologia geral” (1990, p. 225) e, em consequência “A análise semiótica, diferente da análise fonética exige que introduzamos, antes do nível do fonema, o nível da estrutura fonemática do significante” (PLG II, idem). Para Benveniste, assim, a noção de signo é menos importante do que a noção de *oposições semióticas*. Vejamos:

A natureza semiótica parece ser comum a todos os comportamentos que se institucionalizam na vida social, por que são entidades de dupla face, **semelhantes** ao signo linguístico. (BENVENISTE, 1990, p. 228, grifo nosso)

Em seguida, o linguista nos mostra um dos “paradoxos da linguagem”, a saber, a de conter “duas espécies e dois domínios do sentido e da forma” (1990 p. 229). O segundo domínio é o que Benveniste denomina semântica que nos introduz “no domínio da língua em emprego e ação” (1990, idem). Enquanto no semiótico, a unidade é o signo e o modo de funcionamento são as *oposições semióticas* no interior do sistema; na semântica a unidade é a frase e o modo de funcionamento é o *agenciamento sintagmático de palavras* (“o locutor agencia palavras que nesse emprego tem um “sentido” particular”, 1990, p. 231). A grande conclusão nesse momento da reflexão é a de que “tudo faz ressaltar o estatuto diferente da mesma entidade lexical, segundo a tomemos como signo ou como palavra” (1990, p. 232).

Com essa sistematização teórica sobre a noção de sentido(s), consideramos que os termos da doença, sejam estes quais forem, comportam também sempre um duplo funcionamento: o de participar de uma estrutura de oposições da língua médica; o de estar a serviço do uso e agenciamento sintagmático do locutor.

Para finalizar essas reflexões sobre a relação entre fato de vocabulário e a teorização da linguagem em Benveniste, consideramos o texto “A blasfemia e a eufemia” justamente por articular – ou desarticular – um fato de “signo” e um fato de “palavra”. A questão que nos move é a seguinte: o que é exatamente “ofensivo” no fenômeno blasfêmico, a estrutura de sentido que possibilita um sentido dessacralizante

ou o próprio ato de blasfemar? Em outras palavras, o fato semiótico ou o fato semântico?⁷

Já nos três primeiros parágrafos do texto, encontramos indícios de resposta a essas questões. Benveniste afirma, de início, que está fazendo uma oposição entre os neologismos blasfemia/eufemia (sem acento) como “processo de fala de ponta a ponta” (BENVENISTE, 1990, p.260) ao termo corrente expressão blasfêmica (com acento). Justifica a natureza semântica da blasfemia/eufemia com a própria ideia de interdição que lhe é constitutiva: “É propriamente um **saber linguístico**: certa palavra ou nome não deve passar pela boca” (p. 260, grifos nossos). Que saber linguístico é esse? Trata-se de um saber ‘calar’ e de um saber ‘falar’ o “nome de Deus” em instâncias enunciativas bem específicas, a saber, o ‘culto’ e o ‘juramento’. É assim, claramente, um saber enunciativo. Fora dessas instâncias, a blasfemia configura-se no “domínio da expressão emocional” (BENVENISTE, 1990, p. 261). Aqui vemos novamente então duas maneiras de ser língua: uma maneira social e enunciativamente adequada; uma maneira emocional (ou passional) social e enunciativamente inadequada.

Entre esses dois modos de ser língua também há um hiato, porém,

A necessidade de transgredir o interdito, profundamente dissimulada no inconsciente, encontra saída, numa jaculação brutal arrancada pela intensidade do sentimento, e que se realiza achincalhando o divino.
Mas esta exclamação suscita imediatamente uma censura. A blasfemia suscita uma eufemia. (PLG II, p. 262).

Com isso, o hiato entre o “saber linguístico” e o “dever linguístico” (a linguística normativa, a que se refere Ono (2015)) “transborda” e a “existência” de Deus é afirmada: “a blasfemia, à sua maneira, pretende restabelecer esta totalidade” (PLG II). Na blasfemia, a “inversão” de homem na língua à “língua no homem” alcança um “engrandecimento”, um novo espaço linguístico, que é, no entanto, censurado, disfarçado mas não totalmente reprimido.

Acreditamos, com o estudo dos três textos de Benveniste, que a expressão da doença, a conversão da língua médica no homem à sua apropriação na (sua) língua, passa por

⁷ Ono (2015) em recuperação muito instigante dos manuscritos de “A blasfemia e a eufemia” nos mostra que, com esse estudo “Benveniste não queria compreender nada mais do que a “sintaxe da emotividade” e essa pesquisa, em seu tempo, constituiu uma novidade no domínio linguístico. Explorando essa linguística da emoção, Benveniste reencontrou o fenômeno da anti-gramática, que contesta as leis fundamentais da língua e cujo objeto vai de encontro à linguística normativa” (2015, p. 86-7). Destacamos dessa reflexão o fato de Ono (2015) ter surpreendido na elaboração do texto benvenistiano uma exploração de um “modo de ser língua”, a saber, “a língua da emoção”, aproximando a nosso ver tal reflexão da existente em “A forma e o sentido na linguagem”.

algum processo de ampliação da metáfora, alargamento do espaço do homem na língua: o homem não está a simples serviço de uma “instrumentalização” e sim procura restabelecer um “sentimento”, uma dignidade superior a seu corpo, voz, língua e sentido(s).

2. Análise semântica de uma crônica sobre uma doença incapacitante: retratos da contemporaneidade

Nesta seção, faremos uma análise de uma crônica de Eliane Brum, *O exílio*, procurando verificar se, ao menos no espaço ficcional, a passagem do *homem na língua* à *língua no homem* tem uma inversão bem-sucedida, quando se trata de um léxico oriundo do campo da saúde. Para isso, será mobilizada a dupla conceitual semiótico/semântico, ou os “dois modos de ser língua”. Como nos revelou a análise do texto “A blasfemia e a eufemia”, compreender qual é essa “duplicidade” de natureza linguística depende do contexto enunciativo ao qual nos reportamos.

Procuraremos observar o ‘percurso semântico’ da palavra *artrite* no texto em seu duplo movimento de “limitação” do homem e de tentativa do sujeito de “superar” tal restrição. Vejamos o texto na íntegra, inicialmente, numerados por parágrafos para melhor organização da análise.

O EXÍLIO, de Eliane Brum

1. Elas vivem uma ao lado da outra. Uma em cada cama. Duas ilhas que não se tocam. Há algum tempo Vany nem mesmo enxerga Celina. A artrite que lhe devora as articulações não permite que mova o pescoço para a esquerda. Celina vislumbra o perfil de Vany, mas tem o olhar eclipsado pela janela da rua. Duas mulheres em uma geriatria. Exiladas.
2. Duas náufragas que decidiram expor suas almas na ante-sala do esquecimento.
3. Antes de Vany Pontes chegar à geriatria, quatro anos atrás, Celina Costa teve outras três vizinhas de cama. Uma morreu e as outras se mudaram.
4. Então Vany chegou. Desde o primeiro segundo, compreendeu a vista que teria pelo resto dos dias. A porta entreaberta da sala. Foi isso que aterrorizou Vany. Aquele mundo de velhos. Um sentado ao lado do outro. Mas sem se tocarem, sem conversarem. Exilados do outro, exilados de si mesmos. A TV ligada o dia inteiro, mas sem perceberem. Esperando pelo café, pelo almoço, pelo jantar. Pelo lanche.
5. Um dia perguntaram a cada um o nome dos colegas de sofá. Nenhum sabia. Consumiam os dias um ao lado do outro, mas desconheciam o nome um do outro.

6. Foi isso que massacrou Vany desde o princípio. O futuro à espreita. Estagnado na mesma cena. A última cena da sua vida exatamente ali, do outro lado da porta.

7. A doença havia começado a penetrar no corpo de Vany quando ela tinha 40 anos. Professora de História, sempre havia desejado entender o mundo. Então a dor começou. Pelas mãos. Depois pelas pernas. Penetrando pela espinha. A cada dia lhe comendo as horas, o fôlego. Doença de fazer louco, um dia disseram.

8. Os pais morreram. Sobrou Vany. Que começou a cair. Como se os ossos se liquefizessem. E então a geriatria apareceu como a estrada que não se bifurca.

9. Da cama, Vany começou a reparar que os velhos não chegavam prostrados. Quando chegavam, ainda havia um elo entre eles e o mundo, entre eles e a vida. Então, as horas mortas iam lhes solapando a consciência e a vontade. Iam lhes roubando o sentimento e o sentido. Um dia se exilavam. Primeiro, morria a mente. Depois, o corpo. A dona da geriatria ocultava a morte, inventava uma desculpa, e o velho sumia da poltrona. No dia seguinte outro tomava seu lugar. A espiral do esquecimento se repetia.

10. Foram tantas e tantas vezes que Vany assistiu a esse mesmo filme. Rebobinado e rebobinado repetidamente.

11. Celina, não. Celina escolheu a janela da rua como mundo. Ela sabe quem chega, quem sai, onde o cachorro do vizinho faz cocô, qual é o carro que estaciona em lugar proibido e sempre, invariavelmente, se intriga com a mendiga velhinha, cheia de sacolas, que sobe e desce a calçada sem horário definido. Onde será que ela dorme? Será que ela lava as roupas? Ontem ela usava uma saia bonita.

12. Apenas um vidro a separá-la do mundo de lá. Do lado, na cama, ao alcance da mão, uma caixa de sapatos contém toda a sua vida. Um batom, um cartão de Natal não-enviado porque não coube no envelope, um elástico para arrumar as calcinhas, uma medalha de Nossa Senhora. Um radinho de pilhas com o telefone de um pronto-socorro grudado. E as cartas. Celina escreve para o presidente da República, escreve para outros governantes. Para um antigo pretendente, que parou de responder. Será que morreu?

13. Cartas iniciadas em um caderno e jamais remetidas. Como a escrita em 24 de junho, quando fez 73 anos: “Hoje eu estou completando meus 18 anos...”

14. Aos 65 anos, Vany decidiu lutar contra a cena emoldurada pela porta da sala. A distância diminuindo dia a dia, o corpo artrítico arrastado para lá como que atraído por um buraco negro. Aterrorizada, Vany pediu a uma amiga, uma artista plástica chamada Dilva Lima, que lhe ensinasse a terapia da arte. Foi quando começou. Carregadas pela voz da professora, Vany e Celina trilharam florestas e mergulharam as pernas mortas em rios imaginários. Sentiram a textura de folhas e flores. Atravessaram tempestades e assistiram a um pôr-do-sol. Nesses intervalos entre a dor e a porta da sala as duas escapavam, quase se tocavam. Apenas seus corpos permaneciam estirados sobre a cama. A mente ia longe. Nessas horas, os dedos retorcidos de uma, as mãos esquecidas de outra desenhavam o movimento perdido. Aprisionavam o movimento imaginado, como se assim pudessem contê-lo. Conter algo em si mesmas de movimento e de possibilidade.

15. Primeiro, Vany cobriu páginas e páginas de peixes que nadavam. Depois, os peixes viraram borboletas que voavam. A evolução encerrou-se com um ser humano em posição fetal. Um dia Vany desenhou um grande coração, vários corações em camadas, em cores diferentes, um dentro do outro. Nesse dia o coração entrou em colapso e ela teve de ser internada às pressas no hospital. Celina desenhou a si mesma, em cinza e negro, de pé sobre pernas antigas, debaixo de uma tempestade.

16. Enquanto a pilha de desenhos da alma crescia ao redor da cama, a angústia foi aumentando dentro de Vany. Suas pinturas eram seu legado. Sua tentativa última de explicar o inexplicável. Vany temeu que, quando a dor finalmente a vencesse, no dia seguinte mesmo, quando outra ocupasse a sua cama no redemoinho amnésico da geriatria, seu mundo fosse sepultado com ela. Desfeito ao lixo, como se nunca houvesse existido uma Vany tentando buscar o mundo sem pernas que a carreguem. Nem uma Celina escapando todos os dias pela janela da rua.

17. Foi quando Vany inventou a exposição. Sonhou que seus desenhos poderiam viajar no lugar de suas pernas. Imaginou vendê-los e reverter a renda em benefício de uma creche de crianças exiladas. Acalentou a utopia de que seus anseios sobrevivessem a ela. Fossem livres.

18. Com a ajuda da amiga, as pinturas atravessaram o quarto, a soleira da porta, e alcançaram a sala. Cobriram as paredes. Mas era previsível. E aconteceu. Os velhos não perceberam a subversão do morredouro. Tô bem surda, tô bem cega, desculpa-se Adélia, 79 anos, que ainda cuida da irmã Josephina, de 87. Augusto desconhece onde está. Pensa que está casado com a dona da casa e que o neto da mulher é seu filho. E Elza, 78, não consegue vislumbrar a possibilidade de virar-se de frente para a parede e enxergar. Elza é incapaz de adivinhar a possibilidade de mudar a posição da cadeira. Eu sento de costas para a parede, não vejo nada, murmura, surpreendida que falem com ela.

19. Vany e Celina perceberam que travavam uma luta desigual contra o exílio. Celina voltou os olhos para a janela da rua. E Vany continuou sua busca pela chave do mundo. Não desistiram. Sem pernas para correr do destino, Vany e Celina resistem. Seguem seu combate silencioso contra o naufrágio da vida.

20. Poucos foram ver a exposição. Não faz mal. Agora, sempre que Vany e Celina avistam o outro lado da porta, vislumbram mais do que o exílio. Chegaram lá. Com nadadeiras, cores e asas.

21. Ninguém percebeu, mas Vany e Celina conseguiram o que poucos conseguem. Mudaram a última cena de suas vidas.

O cenário inicial que se apresenta nos quatro primeiros parágrafos é terrível e sem ilusões: a artrite de Vany impede que ela mantenha comunicação com a vizinha de cama. O título - *O exílio* – é explicado sem dó nem piedade de cara. O dado mais alarmante: “Aquele mundo de velhos. Sentados um ao lado do outro”. Imediatamente, a doença caracteriza um “modo de ser língua”: o mundo do exílio, do amontoamento, da dificuldade de ‘olhar para o lado’, do silêncio. Os parágrafos 5 e 6 confirmam esse cenário desolador: “o futuro à espreita. Estagnado na mesma cena.”

Os parágrafos 7 e 8 explicam, então, o contexto de surgimento da *artrite*, denominada como “a doença”. “A” doença de Vany toma conta de seu corpo e cria para ela um espaço cada vez menor de ação independente. Os parágrafos 9 e 10 mostram que Vany repara que o próprio espaço da *geriatria* é causador ou ‘incentiva’ a doença, não só nela, mas nos moradores, *prostração* ia tomando conta: “A dona da geriatria ocultava a morte, inventava uma desculpa, e o velho sumia da poltrona.” A associação entre “doença” e “morte” aparece aí de forma brutal: os velhos morriam em “vida”, nessa dupla morte da doença e do esquecimento.

Dos parágrafos 11 a 13, como que para mostrar que o texto “renasce” e há coisas a dizer: o texto mostra que a personagem Cecília, vizinha de Vany, se recusa a “morrer”; ela “escolheu a janela da rua como mundo”. Dali ela se põe a falar, a pensar, a escrever: “Celina escreve para o presidente da República, escreve para outros governantes. Para um antigo pretendente, que parou de responder.” *A escrita das cartas* é, nesse caso, uma forma de vida.

Vany começa a lutar. Dos parágrafos 14 a 16, *a artrite* ou *a doença* passa a *corpo artrítico* como que num movimento de “reduzir” a doença ao seu lugar: “ao corpo” e não à “vontade de viver”. Pela terapia da arte, “carregadas pela voz da professora, Vany e Celina trilharam florestas e mergulharam as pernas mortas em rios imaginários. Sentiram a textura de folhas e flores.” Pela arte, *o corpo artrítico, as pernas mortas* ganham vida. A arte e sua linguagem é também “outra forma de língua”.

Por fim, dos parágrafos 17 a 21, há uma tentativa de transpor o espaço da arte para o espaço da vida social: “Foi quando Vany inventou a exposição”. No fim do texto, a narradora intervém com a palavra final: “Poucos foram ver a exposição. Não faz mal. (...) Vany e Celina conseguiram o que poucos conseguem. Mudaram a última cena de suas vidas.” Vemos então que os dois modos de ser língua no texto são “estar submetido à vida na geriatria, estar em exílio, deixar a velhice e a doença ser maior do que a vida” e o outro é “inventar uma terapia de arte, pintar, escrever, expor para outras pessoas”. Para a escritora, é esse último modo que domina: *o homem doente na língua passa assim, ao menos no texto ficcional, à língua inventiva, artística no homem.*

Considerações finais

A perspectiva semântica de Benveniste revela que é o *agenciamento sintagmático*, a linearidade da cadeia significante da língua que constitui e determina

um modo de ser língua. É essa mesma linearidade que quando irrompe na “expressão blasfêmica” traz à tona um interdito cultural ao mesmo tempo que esconde outros sentidos. De uma semântica normativa, sagrada, surge uma passional, exclamativa e, em seguida, pela via eufemística, uma terceira, envergonhada, ‘neutra’. Logo, de *uma* semântica, se fazem *duas*, e de *duas* se fazem *três*. Parafraseando Dufour (1998, p. 92) sobre Benveniste: “Para ser um (sujeito), é preciso ser dois, mas quando se é dois, já se é três. Um é igual a dois, mas dois é igual e a três.” Por associações, a semântica age tanto para a duplicação de sentidos quanto para o próprio fenômeno da *polissemia* (como mostra o texto “A forma e o sentido na linguagem”). Nesse jogo dialético e infinitamente recursivo, a ‘doença’, quando vista em textualizações outras que não o discurso médico também sofre, felizmente, outros olhares e (per)cursos de sentido. É da natureza da linguagem.

Esperamos com o presente texto ter suscitado não somente novos interrogantes ao discurso médico – tal como o próprio discurso ficcional seguidamente o faz –, mas também ter explorado devidamente o tema dos “modos de ser língua” em Benveniste, contribuindo para o avanço das pesquisas em Semântica.

Referências

BADIR, S. Figuras da enunciação: os gestos discursivos do saber. Tradução de Silvana Silva. *Translatio*. Porto Alegre, N. 17, 2019, p. 158-181. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/103598>

BENVENISTE, E. Le nom du diabète. IN: LAPLANTINE, C.; PINAULT, G.-J.. *Langues, cultures, religions*. Limoges: Lambert-Lucas, 2015, p. 175-76.

BENVENISTE, E. Blasfemia e eufemia. IN: ____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: 1990, p. 259-262.

____. A forma e o sentido na linguagem. IN: ____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: 1990, p. 220-244.

BRUM, E. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

DUFOUR, D.R. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

GUIMARÃES, E. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. *Letras, UFSM*, n. 26, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/letras/article/viewFile/11880/7307>

____. Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação. *Fragmentum*. Laboratório Corpus: UFSM, n. 40, Jan./Mar 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/882/showToc>

FLORES, V. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. IN: TEIXEIRA, M. FLORES, V. *O sentido na linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, P. 149-166.

____. A linguística como reflexão antropológica. IN:____. *Problemas gerais de linguística*. São Paulo: Vozes, 2019, p. 15-36.

MILNER, J. C. Benveniste. Ibat obscurus. IN:____. *El périplo structural*. Buenos Aires, Amorrortu, 2003, p. 89-116.

ONO, A. “O nome é o ser”: as notas preparatórias de Émile Benveniste ao artigo “A blasfemia e a eufemia”. Tradução de Silvana Silva. *Belas Infiéis*, v.4, n.3, p. 83-104, jan.2016.
Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11351/9989>

SILVA, S. *Enunciação e sintaxe: uma abordagem das preposições em português*. Dissertação (Mestrado em Letras). UFRGS. 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5317/000468523.pdf?sequence=1&isAllowed=y>